

UM GRUPO DE TERCEIRA IDADE VOLTANDO À SALA DE AULA.

DA SILVA, Liza Bilhalva Martins

1. *Graduanda em Antropologia Social (UFPel) lizabms@gmail.com*

RODOLPHO, Adriane Luisa

2. *Orientadora (UFPel) adrirodolpho@cpovo.net*

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa etnográfica teve como objeto de estudo um grupo de “terceira idade” denominado GRUPO VOLTANDO À SALA DE AULA, composto por mulheres com idade entre 55 e 85 anos promovido pela Universidade Católica de Pelotas a partir de um programa relativo à educação. O grupo existe à aproximadamente 14 anos e conta com mais de 80 participantes ativas. O interesse primordial que orientou essa pesquisa objetivou-se na busca de primeiramente saber quem eram essas mulheres e entender os motivos que as impulsionaram a escolher este tipo de atividade e não outra, entre as muitas ofertadas por diferentes instituições, organizações, clubes e Ongs e, a partir daí, tentar interpretar os significados desta relação social.

Este texto, então, apresenta os resultados preliminares da pesquisa, realizada junto à disciplina de Teoria Antropológica II entre os meses de maio a julho de 2010.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada para a realização da pesquisa abarcou:

- revisão bibliográfica
- reunião de documentação sobre a história do grupo
- observação participante em 4 encontros do grupo
- entrevista semi-estruturada com 4 informantes
- registro fotográfico

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir da observação participante, bem como das entrevistas realizadas restou bastante evidente que o universo pesquisado possuía algumas especificidades. O grupo com o qual eu me deparava era constituído por mulheres que comungavam de certas experiências, tanto na esfera doméstica como na pública/ profissional.

Em artigo que trata da questão do envelhecimento Guita Debert (2006) nos diz que quando a antropologia trata da questão do envelhecimento, sua análise refere-se às construções sociais sobre o ciclo da vida e as relações sobre as gerações e, segundo Alves (2006), “Interpretar a velhice como sendo um produto da relação entre gerações revela, a meu ver, um ponto essencial do envelhecimento contemporânea, qual seja, a fragmentação da experiência da velhice”.

É nesse sentido que os conceitos de projeto e metamorfose de Gilberto Velho (1987) passam a ser considerados como fundamentais para compreendermos o sentido da fluidez atribuída às sociedades moderno-contemporâneas.

Segundo Alves (2006), “essa capacidade plástica dos projetos – seu potencial de metamorfose – explica-se pela variação de estilos de vida e de províncias de significados das sociedades complexas por onde transitam os indivíduos e que fornecem material para a constante re-elaboração dos projetos e das identidades”.

Ainda para Alves, um projeto de um envelhecimento ativo baseado e centrado na pluralidade de julgamentos sobre o que é ser velho, significa que a “terceira idade” pode ser vista como um “estilo de vida” configurando um novo campo de possibilidades, dentre as quais estão uma variedade imensa de atividades: dança, música, cursos para terceira idade, hidroginástica, etc. e que “cada uma dessas atividades está ligada a províncias de significados distintas, ou seja, constituem “mundo sociais” particulares, com seus códigos e regras de operação, mas que não são fechados.” Segundo a autora, pode haver uma transitoriedade entre essas províncias e ter interpretações diferentes sobre seus sentidos.

É nesse sentido que o campo foi demonstrando suas especificidades, uma vez que estava diante de um grupo de mulheres que haviam tido algum tipo de atividade profissional em suas trajetórias de vida e que agora se encontravam aposentadas, ou pelo menos afastadas de suas atividades. Reunir-se, dialogar, debater, manter-se informada, estabelecer novas amizades, cuidar de si, enfim, tratava-se de um exercício de escolha individual que coloca peso e importância na identidade da mulher trabalhadora, independente e intelectualizada.

A pesquisa de Flavia Motta (1998) entre um grupo de terceira idade em bailes e viagens demonstrou que as mulheres que freqüentavam estes grupos geralmente não trabalhavam, tinham como atividade os serviços domésticos e o cuidado com filhos e maridos; assim, o baile configurava a primeira experiência na vida pública e social. Tal dado se apresenta como forma comparativa e ajuda a pensar tais “estilos de envelhecer”.

A partir daí, nos é permitido pensar que seja qual for o projeto escolhido, estes não se configuram como opositores, mas sim, enquanto diferentes possibilidades de conferir sentido às trajetórias individuais, as quais estão estritamente ligadas às trajetórias de vida dessas mulheres.

CONCLUSÕES

Ajustando as lentes sobre o universo pesquisado, e tomando como referência o estudo de outros grupos de “terceira idade”, considero que diferentes grupos de mulheres, com projetos de envelhecer próprios e trajetórias de vida diferentes, não se identificam com o estereotipo de “velha”, uma vez que utilizam diversos meios para se afastar desse estigma.

Para as mulheres da dança, segundo Alves (2006), a concepção de velhice estaria ligada a incapacidade física de dançar, o que representaria a volta ao isolamento doméstico e a perda de uma vida pública e social .

Para as mulheres do GRUPO VOLTANDO À SALA DE AULA, o que representaria a velhice seria a falta de informação, aprendizado, atuação, reunião, atividades fora do contexto doméstico, falta de cuidado consigo mesma, ou seja, a ausência de um projeto individual que nesse sentido significaria a morte, pré-anunciada pela depressão e isolamento. Para essas mulheres “permanecer ativa” é o que dá sentido às suas vidas. Vislumbra-se então, uma re-significação desta nova fase da vida tomando como referência trajetórias anteriores, a fim de envelhecer da melhor maneira possível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Andréa Moraes. “Mulher, corpo e performance: a construção de novos sentidos para o envelhecimento entre mulheres de camadas médias urbanas In: Lins de Barros, Myriam. (org.). *Família e Gerações*. Rio de Janeiro, FGV Editora, 2006.

DEBERT, Guita Grin. A Antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: Lins de Barros, Myriam Moraes. *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas. 1998.

GEERTZ, Clifford: *A interpretação das culturas*, Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989.

LINS DE BARROS, Myriam Moraes. Testemunho de vida: um estudo antropológico sobre mulheres na velhice. In: *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 1998

MOTTA, Flávia de Mattos. *Velha é a vovozinha: identidade feminina na velhice*.
Santa Cruz do Sul: Edunisc. 1998.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*.
Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1994.

REVISORES

Flávia Maria Silvia Rieth

Professora doutora (UFPel) riethuf@uol.com.br

Marília Kosby

Mestre em Ciências Sociais (UFPel) marilia_kosby@yahoo.com.br